

TRANSITORIEDADE OU OPORTUNIDADE: A QUALIDADE DA INSERÇÃO PROFISSIONAL PROMOVIDA PELAS AGÊNCIAS DE EMPREGO*

Jonas Tomazi Bicev**

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos 15 anos, simultaneamente ao crescimento do trabalho terceirizado e temporário, a sociedade brasileira assistiu também ao crescimento do número de trabalhadores intermediados e contratados pelas “empresas de seleção, agenciamento e locação de mão de obra”.

Embora a intermediação seja muito mais ampla do que a terceirização, os dois fenômenos guardam uma forte associação entre si, uma vez que boa parte das empresas especializadas na gestão de recursos humanos e agenciamento de trabalhadores assumiu gradualmente a condição de empregadora da mão de obra temporária e terceirizada que aloca em outros setores. Assim, segundo os dados do Relatório Anual de Informações Sociais (Rais), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), entre os anos de 1994 e 2010, o número de trabalhadores formais, empregados no dia 31 de dezembro nas empresas de intermediação de todo o Brasil, passou de cerca de 140 mil para 555.271 trabalhadores. Só no Estado de São Paulo – ou seja, aquele que conta com a maior metrópole e concentra a maior economia urbano-industrial do país – esse número passou de 73 mil para pouco mais de 230 mil (Rais/MTE).¹

Como esse tipo de contratação e relação de trabalho estabelece uma tríade que em diversos aspectos desafia a norma de trabalho industrial “fordista” (caracterizado pela subordinação direta, perspectiva de carreira interna, jornadas e funções bem definidas e delimitadas), neste artigo investigo o que esperar desses empregos a partir da trajetória ocupacional daqueles que, na última década, ingressaram ou retornaram ao mercado formal pela via das “empresas de seleção,

* Os resultados aqui apresentados são uma seleção, atualizada, de achados da minha dissertação de mestrado (BICEV, 2010), desenvolvida no Centro de Estudos da Metrópole (CEM) como parte da pesquisa *À Procura de Trabalho: Instituições do Mercado e Redes*, que contou com suporte da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) (proj. CEPID 1998/14.432-9). Agradeço o apoio e a colaboração da professora Dra. Nadya Araújo Guimarães e da professora Dra. Flávia Consoni de Paulo Henrique da Silva e dos demais colegas de estudo e trabalho.

** Pesquisador assistente no Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) do CEM, e Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP).

1. Cabe destacar que, para Pochmann (2007), esse crescimento foi ainda mais robusto. O pesquisador, que trabalhou com uma categoria de serviços mais abrangente e teve acesso às guias de contribuições sindicais do Sindicato dos Empregados em Empresas de Prestação de Serviços a Terceiros, Colocação e Administração de Mão de Obra (Sindeepres), concluiu que entre os anos de 1985 e 2005, só no Estado de São Paulo, o número de trabalhadores formais em empresas de intermediação foi multiplicado por sete, passando de 60,5 mil para quase 424 mil empregados (Rais/MTE e guias de contribuição sindical do Sindeepres *apud* POCHMANN, 2007).

agenciamento e locação de mão de obra”. Em termos mais específicos, a partir dos dados longitudinais da base Rais-Migração (Migra), investigo quão duradoura é a condição de trabalhador intermediado e a capacidade desses indivíduos de permanecerem no mercado formal.

2 FONTE DE DADOS: A BASE RAIS-MIGRA

A base Rais-Migra é uma importante fonte de informações forjada a partir dos registros da Rais que permite acompanhar, ao longo do tempo, a trajetória setorial, ocupacional e geográfica dos indivíduos empregados no mercado de trabalho formal.

De acordo com sua arquitetura, cada registro representa um trabalhador e as informações armazenadas se referem sempre ao “último vínculo de trabalho” em cada ano. Nos casos em que há mais de um vínculo ativo em 31 de dezembro, a informação contida se refere apenas às informações do vínculo mais antigo; na ausência de vínculo ativo, selecionam-se as informações do desligamento mais recente. Dessa forma, constrói-se uma base do tipo painel que permite visualizar a mobilidade dos trabalhadores antes e depois de um ano selecionado.²

Em face do grande volume de dados envolvidos, sua utilização e disponibilização pelo MTE dependem da escolha de um recorte temporal, setorial e espacial definido pelo pesquisador. Neste estudo utilizei os dados oriundos da base “Rais-Migra do modelo Painel, 1998-2007, Serviços e Administração Pública da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP)”, concebida pelo Centro de Estudos da Metrópole (CEM) para a pesquisa *À Procura de Trabalho: Instituições do Mercado e Redes*.

3 PERFIL DA MÃO DE OBRA INTERMEDIADA EM 1998

O primeiro passo da análise é sempre selecionar um ano de referência e uma coorte de trabalhadores que o pesquisador deseja acompanhar. Nesse caso, foi escolhida a coorte de trabalhadores que em 1998 estava empregada nas “Empresas de Seleção, Agenciamento e Locação de Mão de Obra – Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE-95, 74.50-0)” de modo a identificar seu perfil e percurso profissional até 2007. Além das razões relativas à disponibilidade dos dados,³ esse período mostrou-se analiticamente relevante por cobrir um momento de transição entre o fim de um ciclo de elevação do desemprego e o início da retomada do crescimento econômico e dos empregos formais.

Uma análise exploratória preliminar revelou que, no ano de 1998, as empresas de serviços de seleção, agenciamento e locação de mão de obra empregavam, só na RMSP, um total de 166.571 trabalhadores. Entre eles havia um claro predomínio de trabalhadores do sexo masculino, que representavam seis em cada dez ocupados (tabela 1).

Ademais, era um mundo de oportunidades criadas significativamente para os mais jovens: assim, 40% dos empregados através dos intermediários de oportunidades ocupacionais tinham entre 18 e 24 anos. Proporção esta que ultrapassava os 60% se considerássemos uma definição mais ampla de “juventude”, levando-a, como em outros países, até os 29 anos (tabela 2).

2. Isso também explica por que existem mais vínculos de trabalho na base Rais-Migra do que na base Rais transversal, ou seja, enquanto a Rais transversal apresenta somente as informações de quem esteve empregado no dia 31 de dezembro, a Rais-Migra incorpora as informações de todos os indivíduos que exerceram alguma atividade formal durante o ano.

3. Esse é o maior e mais recente intervalo de tempo de que pude dispor, em microdados do sistema Rais-Migra, no momento do preparo da minha dissertação.

TABELA 1

Sexo dos trabalhadores ocupados nas empresas de seleção, agenciamento e locação de mão de obra – 1998

Sexo	Número	%
Masculino	102.659	61,6
Feminino	63.912	38,4
Total	166.571	100,0

Fonte: MTE. Painel Rais-Migra, coorte especial para a RMS, período 1998-2007 (processamento próprio).

TABELA 2

Distribuição etária dos trabalhadores ocupados nas empresas de seleção, agenciamento e locação de mão de obra – 1998

Faixa etária	Número	%
10 a 17	3.789	2,3
18 a 24	66.982	40,2
25 a 29	35.550	21,3
30 a 39	38.868	23,3
40 a 49	15.751	9,5
50 a 64	4.966	3,0
65 ou +	276	0,2
Ignorado	389	0,2
Total	166.571	100,0

Fonte: MTE. Painel Rais-Migra, coorte especial para a RMS, período 1998-2007 (processamento próprio).

Quanto à formação escolar, a grande maioria tinha a escolaridade típica de adolescentes, compreendida entre o ensino fundamental incompleto e o médio completo. Entretanto, dada a concentração de indivíduos sem concluir o ensino fundamental (30,7%), é também destacada a existência de um contingente de trabalhadores caracterizados por baixa escolaridade ou atraso escolar (tabela 3).

TABELA 3

Escolaridade dos trabalhadores ocupados nas empresas de seleção, agenciamento e locação de mão de obra – 1998

Escolaridade	Número	%
Analfabeto	3.880	2,3
Fundamental incompleto	51.069	30,7
Fundamental completo	36.267	21,8
Médio incompleto	20.341	12,2
Médio completo	44.634	26,8
Superior incompleto	6.044	3,6
Superior completo	4.246	2,5
Ignorado	90	0,1
Total	166.571	100

Fonte: MTE. Painel Rais-Migra, coorte especial para a RMS, período 1998-2007 (processamento próprio).

Apesar da importância das características de perfil individual, são igualmente reveladores os dados sobre a natureza da relação de trabalho que estabeleciam, tal como pode ser observado pelo tipo de admissão e de vínculo. A partir desses dados foi possível verificar que a grande maioria dos empregados das agências (76,3%) já tinha tido ao menos uma

experiência de trabalho formal e que, com esse novo contrato, lograva se reinserir no mercado de trabalho (tabela 4).

TABELA 4

Tipo de admissão dos trabalhadores ocupados nas empresas de seleção, agenciamento e locação de mão de obra – 1998

Tipo de admissão	Número	%
Reemprego ¹	127.135	76,3
Admitido anteriormente ²	34.420	20,7
Primeiro emprego	4.744	2,8
Outros ³	221	0,1
Ignorado	51	0
Total	166.571	100

Fonte: MTE. Painel Rais-Mígra, coorte especial para a RMS, período 1998-2007 (processamento próprio).

Notas:¹ Admissão de empregado que já teve um emprego anterior.

² Trabalhadores cujo vínculo de trabalho atual se deu num ano anterior ao ano de referência.

³ Transferências com ou sem ônus.

Igualmente significativa era a condição dos que estavam ocupados: sete em cada dez eram temporários, mas não era desprezível o peso dos que tinham um vínculo formal ordinário, regido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) – que perfaziam pouco mais que um quarto entre os ocupados. Outras situações formalmente possíveis – como contrato por tempo determinado ou trabalho avulso, ou mesmo aquelas aparentemente mais adequadas à absorção dos mais jovens (como a de “menor aprendiz”) – eram virtualmente insignificantes.

TABELA 5

Tipo de vínculo dos trabalhadores ocupados nas empresas de seleção, agenciamento e locação de mão de obra – 1998

Tipo de vínculo 1998	Número	%
Temporário	119.522	71,8
CLT por prazo indeterminado	46.632	28,0
Outros ¹	417	0,2
Total	166.571	100

Fonte: MTE. Painel Rais-Mígra, coorte especial para a RMS, período 1998-2007 (processamento próprio).

Nota:¹ Contrato por prazo determinado, trabalhadores avulsos, estatutários, diretor, menor aprendiz.

Portanto, a coorte dos empregados intermediados pelas agências privadas ou empresas de seleção, agenciamento e locação de mão de obra era composta predominantemente por jovens com alguma experiência anterior no mercado de trabalho e que retornavam ao mercado formal principalmente na condição de temporários. Diante disso, é interessante investigar se esses trabalhadores, em suas trajetórias subsequentes, foram capazes de inserir-se em empregos duradouros, em outros setores da economia, se caíram recorrentemente no desemprego ou se passaram à informalidade.

4 PERCURSO OCUPACIONAL DOS TRABALHADORES INTERMEDIADOS

Observando as possíveis mudanças ocorridas na situação desse estoque de indivíduos entre 1998 e 2007, o primeiro fato que chama a atenção é a intensa passagem que ocorre dos contratos temporários (Lei nº 6.019/1974) para os contratos pela CLT, regidos por tempo

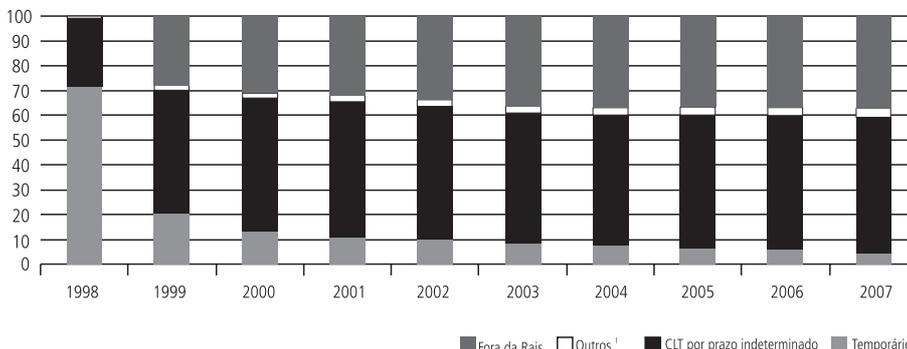
indeterminado. Seu crescimento de 28% para quase 50% dos vínculos já no final do primeiro ano é acompanhado de uma redução drástica dos vínculos temporários (ver gráfico 1).

Embora exista um crescimento significativo do peso daqueles que passam à informalidade, variando de 28% a 37% no período, é notável que, entre aqueles que ficam no mercado formal, manter-se sob relações de trabalho regidas por contratos pela CLT torna-se rapidamente (já em 1999) a situação predominante.

GRÁFICO 1

Distribuição dos vínculos dos trabalhadores que em 1998 estavam empregados nas empresas de seleção, agenciamento e locação de mão de obra

(Em %)



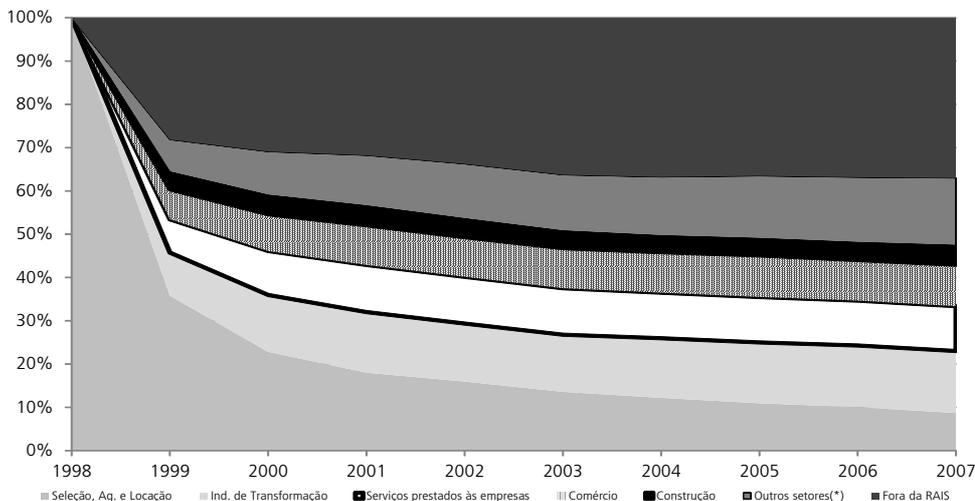
Fonte: MTE. Painel Rais-Migra, coorte especial para a RMSP, período 1998-2007 (processamento próprio).

Nota: ¹ Contrato por prazo determinado, trabalhadores avulsos, estatutários, diretor, menor aprendiz.

Outro achado igualmente significativo é a distribuição dos trabalhadores entre os diferentes setores da economia urbano-industrial. Se num primeiro momento todos os trabalhadores estavam empregados nas empresas de seleção, agenciamento e locação de mão de obra, no final do período o peso do setor na composição do estoque cai para cerca de 10%, com destaque para o crescimento da participação relativa da indústria, dos serviços e do comércio (gráfico 2).

GRÁFICO 2

Dispersão do estoque de trabalhadores que em 1998 estavam empregados nas empresas de seleção, agenciamento e locação de mão de obra



Fonte: MTE. Painel Rais-Migra, coorte especial para a RMSP, período 1998-2007 (processamento próprio).

Nota: * Seções da CNAE, que isoladas, contribuíam com menos de 2% dos vínculos em 1999.

Isso, entretanto, não reduz a importância das empresas de seleção, agenciamento e locação de mão de obra. Como o próprio gráfico 2 indica, elas operam como sinalizadoras e propiciadoras de acesso a novas oportunidades de trabalho formalmente protegido; isso porque a maior parte dos indivíduos empregados por elas em 1998 permaneceu no mercado formal até 2007, mesmo circulando entre vínculos e, nessa circulação, movendo-se entre setores de atividade e ocupações.

5 CONCLUSÃO: ACESSO E MOBILIDADE

A partir dos resultados expostos neste artigo foi possível perceber que as empresas de seleção, agenciamento e locação de mão de obra têm sido capazes de intermediar ocupações dos mais diversos setores da economia e que, apesar de não garantirem empregos duradouros, 63% (gráfico 2) daqueles que elas empregaram têm sido capazes de se manter no mercado formal.

Conquanto significativo, esse resultado ainda precisa ser mais bem explorado, dadas a intensa transição e as incertezas quanto à permanência dos trabalhadores nos setores mais tradicionais, como a indústria, o comércio e os serviços. Parte dessa dispersão deve refletir a própria estratégia das empresas contratantes, usuárias dos serviços das agências, que recorrem aos temporários como meio de avaliar e testar um trabalhador antes de incorporá-lo ao seu quadro permanente. Como visto nos gráficos, o primeiro ano parece fundamental para determinar quem continua no mercado formal, quem sai e cai recorrentemente na informalidade.

Embora esse tipo de política de recursos humanos e recrutamento de trabalho possa explicar a intensa alteração no regime contratual, ainda é preciso investigar se os vínculos à CLT são de fato menos efêmeros que os antigos vínculos temporários. Possíveis passos nessa direção podem ser dados a partir do acesso à base Rais-Migra-Vínculos, que apresenta as informações de todos os vínculos obtidos por um trabalhador no mercado de trabalho, inclusive as informações sobre os vínculos sobrepostos e a duração de cada um deles.⁴

REFERÊNCIAS

POCHMANN, M. **Indeepres 15 anos** – a superterceirização dos contratos de trabalho. Pesquisa encomendada pelo Sinddeepres. Campinas, 2007.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANDERSON, F.; HOLZER, H. J.; LANE, J. **Temporary help agencies and the advancement prospect of low earners**. Paper preparado para a NBER Conference on Labor Market Intermediation, 17-18 May, 2007.

BESSA, V.; CONSONI, F. Alocação de mão-de-obra e mercado de trabalho: elementos para uma discussão sobre o mercado de intermediação no Estado de São Paulo. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE SOCIOLOGIA DO TRABALHO, 5. **Anais...** Uruguai, 18-20 abr. 2007.

BICEV, J. T. **Os trabalhadores subcontratados da região metropolitana de São Paulo: precariedade ou estabilização?** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo, 2010. Disponível em: <www.teses.usp.br>.

DAVID, H.; HOUSEMAN, S. **Temporary agency employment as a way out of poverty?** Harvard Inequality Summer Institute, June 14-15 2006.

GUIMARÃES, N. A. **À procura de trabalho: instituições do mercado e redes**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

4. Atualmente tenho me dedicado ao estudo e manuseio dessa base, contudo ainda não consegui extrair resultados significativos.